

LETRAS DE HOJE

Nº 61

SETEMBRO DE 1985

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

CONTENTS

1. O Estado da Arte da Língua Portuguesa no Brasil / 5

2. A Língua Portuguesa no Brasil / 15

3. A Língua Portuguesa no Brasil / 25

4. A Língua Portuguesa no Brasil / 35

5. A Língua Portuguesa no Brasil / 45

6. A Língua Portuguesa no Brasil / 55

7. A Língua Portuguesa no Brasil / 65

8. A Língua Portuguesa no Brasil / 75

9. A Língua Portuguesa no Brasil / 85

10. A Língua Portuguesa no Brasil / 95

11. A Língua Portuguesa no Brasil / 105

12. A Língua Portuguesa no Brasil / 115

13. A Língua Portuguesa no Brasil / 125

14. A Língua Portuguesa no Brasil / 135

15. A Língua Portuguesa no Brasil / 145

16. A Língua Portuguesa no Brasil / 155

17. A Língua Portuguesa no Brasil / 165

18. A Língua Portuguesa no Brasil / 175

19. A Língua Portuguesa no Brasil / 185

20. A Língua Portuguesa no Brasil / 195

21. A Língua Portuguesa no Brasil / 205

22. A Língua Portuguesa no Brasil / 215

23. A Língua Portuguesa no Brasil / 225

24. A Língua Portuguesa no Brasil / 235

25. A Língua Portuguesa no Brasil / 245

26. A Língua Portuguesa no Brasil / 255

27. A Língua Portuguesa no Brasil / 265

28. A Língua Portuguesa no Brasil / 275

29. A Língua Portuguesa no Brasil / 285

30. A Língua Portuguesa no Brasil / 295

31. A Língua Portuguesa no Brasil / 305

32. A Língua Portuguesa no Brasil / 315

33. A Língua Portuguesa no Brasil / 325

34. A Língua Portuguesa no Brasil / 335

35. A Língua Portuguesa no Brasil / 345

36. A Língua Portuguesa no Brasil / 355

37. A Língua Portuguesa no Brasil / 365

38. A Língua Portuguesa no Brasil / 375

39. A Língua Portuguesa no Brasil / 385

40. A Língua Portuguesa no Brasil / 395

41. A Língua Portuguesa no Brasil / 405

42. A Língua Portuguesa no Brasil / 415

43. A Língua Portuguesa no Brasil / 425

44. A Língua Portuguesa no Brasil / 435

45. A Língua Portuguesa no Brasil / 445

46. A Língua Portuguesa no Brasil / 455

47. A Língua Portuguesa no Brasil / 465

48. A Língua Portuguesa no Brasil / 475

49. A Língua Portuguesa no Brasil / 485

50. A Língua Portuguesa no Brasil / 495

51. A Língua Portuguesa no Brasil / 505

52. A Língua Portuguesa no Brasil / 515

53. A Língua Portuguesa no Brasil / 525

54. A Língua Portuguesa no Brasil / 535

55. A Língua Portuguesa no Brasil / 545

56. A Língua Portuguesa no Brasil / 555

57. A Língua Portuguesa no Brasil / 565

58. A Língua Portuguesa no Brasil / 575

59. A Língua Portuguesa no Brasil / 585

60. A Língua Portuguesa no Brasil / 595

61. A Língua Portuguesa no Brasil / 605

62. A Língua Portuguesa no Brasil / 615

63. A Língua Portuguesa no Brasil / 625

64. A Língua Portuguesa no Brasil / 635

65. A Língua Portuguesa no Brasil / 645

66. A Língua Portuguesa no Brasil / 655

67. A Língua Portuguesa no Brasil / 665

68. A Língua Portuguesa no Brasil / 675

69. A Língua Portuguesa no Brasil / 685

70. A Língua Portuguesa no Brasil / 695

71. A Língua Portuguesa no Brasil / 705

72. A Língua Portuguesa no Brasil / 715

73. A Língua Portuguesa no Brasil / 725

74. A Língua Portuguesa no Brasil / 735

75. A Língua Portuguesa no Brasil / 745

76. A Língua Portuguesa no Brasil / 755

77. A Língua Portuguesa no Brasil / 765

78. A Língua Portuguesa no Brasil / 775

79. A Língua Portuguesa no Brasil / 785

80. A Língua Portuguesa no Brasil / 795

81. A Língua Portuguesa no Brasil / 805

82. A Língua Portuguesa no Brasil / 815

83. A Língua Portuguesa no Brasil / 825

84. A Língua Portuguesa no Brasil / 835

85. A Língua Portuguesa no Brasil / 845

86. A Língua Portuguesa no Brasil / 855

87. A Língua Portuguesa no Brasil / 865

88. A Língua Portuguesa no Brasil / 875

89. A Língua Portuguesa no Brasil / 885

90. A Língua Portuguesa no Brasil / 895

91. A Língua Portuguesa no Brasil / 905

92. A Língua Portuguesa no Brasil / 915

93. A Língua Portuguesa no Brasil / 925

94. A Língua Portuguesa no Brasil / 935

95. A Língua Portuguesa no Brasil / 945

96. A Língua Portuguesa no Brasil / 955

97. A Língua Portuguesa no Brasil / 965

98. A Língua Portuguesa no Brasil / 975

99. A Língua Portuguesa no Brasil / 985

100. A Língua Portuguesa no Brasil / 995

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:

Prof.^{as} Maria Rita Motta Guedes Quintella**Conselho Editorial**

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Domingues de Rodrigues Pasquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Nels e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura
— 4 números anuais —

Brasil: cr\$ 15.000,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: cr\$ 10.000,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Regina Zilberman — Apresentação	p. 5
Elvo Clemente — Lobo da Costa e a Revolução Farroupilha	p. 7
Carlos A. Baumgarten — Lobo da Costa: uma visão romântica da Revolução	p. 17
Maria Eunice Moreira — Uma literatura de guerra	p. 39
Donald Schüler — A guerra nos versos de duas poetisas do século passado	p. 65
Sandra Jathay Pesavento — Uma ideologia em farrapos ...	p. 75
Aldyr Garcia Schlee — Modelo cívico-literário	p. 85
Guilhermino Cesar — O conto gauchesco	p. 93

Resenhas

Histórias de doentes, por Maria das Graças Rodrigues Paulino	p. 123
A Guerra dos Farrapos, por Charles Kiefer	p. 126
O caso do martelo, por Charles Kiefer	p. 126
Poesia brasileira, por Elvo Clemente	p. 127
Tição de arceira, por Elvo Clemente	p. 127

APRESENTAÇÃO

A guerra que a oligarquia rural sul-rio-grandense empreendeu contra o poder imperial, na época representado pela Regência, entre 1835 e 1845, não foi a primeira da história do Rio Grande do Sul. Antes dela, a luta entre portugueses e espanhóis contra os índios guaranis que, junto com os jesuítas, zelavam pela civilização *sui generis* das Missões, garantira a incorporação da região ao sul de Laguna ao território da colônia portuguesa. Porém, a guerra contra a Coroa, que, posteriormente, tomou o nome de Revolução Farroupilha, passou aos poucos a configurar a identidade da cultura local, seus episódios, mais que os da história nacional (como a Independência ou a guerra contra o Paraguai), sendo lembrados como manifestações maiores da natureza do homem rio-grandense, dando vazão à sua bravura e despreendimento inatos, e dos ideais políticos e humanitários dos chefes militares que a lideravam.

Como as reivindicações que motivaram a Revolução nunca foram completamente atendidas pelo poder central, cada vez que os mesmos problemas vêm à tona o passado é relembrado de modo nostálgico e idealizado. Por estas razões, o movimento e seus dirigentes foram transpostos da história para a literatura, bem como para outras expressões artísticas e culturais do Estado. Nenhum outro evento é tão celebrado, nem aparece tantas vezes na prosa e na poesia do Rio Grande do Sul, embora, com o passar do tempo, as interpretações tenham se modificado, as mudanças ocorrendo no sentido de desmitificar a faceta mais idealizada do episódio e compreender tanto suas causas sociais e ideológicas, como seus efeitos na economia da região e no comportamento dos indivíduos.

Na ocasião em que se comemoram os 150 anos do início do movimento revolucionário, cumpria retomar o material literário e histórico produzido e proceder à sua análise, visando caracterizar suas tendências nos séculos XIX e XX e verificar as diferentes maneiras como escritores e intelectuais se posicionaram perante aquele evento. Os textos que se seguem têm este intuito, detendo-se

na ficção, poesia e história elaboradas desde os primeiros anos da Revolução. Deixando de endossar a perspectiva eufórica que por tanto tempo acompanhou a interpretação dos fatos revolucionários, os ensaios buscam outro tipo de permanência: aquele que a ciência confere, quando o rigor da análise e a coerência de posições está presente. Se as celebrações são pretexto para festejos, são também a oportunidade para a reflexão, e é sob este prisma que se colocam os trabalhos a seguir, dando continuidade ao empenho de *Letras de Hoje* em melhor compreender e interpretar nossa cultura e nossas instituições ao longo de suas transformações no tempo.

REGINA ZILBERMAN
Organizadora

LOBO DA COSTA E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Ir. Elvo Clemente

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Título estranho para algumas considerações sobre a vida e a obra de Francisco Lobo da Costa, o poeta mais popular do Rio Grande, que encarnou de maneira exemplar os ideais românticos em toda a sua grandiosidade.

1 – NOTA BIOGRÁFICA

O poeta nasceu na cidade de Pelotas, no dia 12 de julho de 1853, sendo seus pais Antônio Cardoso da Costa e Jacinta Júlia da Costa. Pertencia à classe média, bem situada na sociedade local.

O testemunho das poetisas Revocata H. de Melo e Julieta de Melo Monteiro é interessante: "Dizem-nos que a sua infância correu entre flores, rodeada dos carinhos da querida mãe e do extremo pai. Aquela, porém, faleceu muito cedo, desgraça que, sem dúvida, influiu bastante na tormentosa vida de desventurado sonhador" (Prefácio das *Dispersas*. Rio Grande, Livraria Americana, 1910).

Rocha Gallo refere-se à mesma infância venturosa quando escreve: "plumagem quente dos aconchegos do ninho doméstico".

Em poemas saudosos, o poeta recorda os tempos da meninice:

"Lembranças de tempos idos
Por que não vindes aqui?
.....
Tão pura, serena e calma
Como o amor da minha mãe!"

(Auras do sul. 3.ed., Rio Grande,
Livraria Americana, 1928, p.42)

A orfandade lhe toldou o céu azul da infância com as nuvens sombrias da tristeza e da dor e com afeto se volta ao pai nestes versos:

"Sentireis o perfume da saudade
Aberta em flor, no coração que sofre.
E se chorardes, pai... de vossas lágrimas
Será meu livro o inviolável cofre."

("Última Folha". *Auras do sul*, p. 148-9)

Aos 12 anos revela-se poeta no celebrar a retomada de Uruguiana, 1865, pelas forças brasileiras, episódio significativo da Guerra contra Solano Lopes, os seus primeiros versos foram estampados no *Eco do Sul*. Vemo-lo, assim, inserido na vida brasileira, na sociedade com seus problemas, ânsias e esperanças.

Aos 15 anos está empregado na estação do telégrafo local, nas horas vagas lia e recitava sofregamente os poemas de Castro Alves, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias.

No posfácio de "Flores do Campo", 2ª edição de *Dispersas*, Rocha Gallo fala do autodidatismo do poeta:

"Dotara-o a natureza de um caráter dócil e meigo e de uma inteligência cujo poder de assimilação revelava-se na presteza com que aprendia as mais complicadas questões literárias e filosóficas. Carecia, porém, da preciosa faculdade de reter o que assimilava com tanta facilidade e era-lhe difícil utilizar os escassos conhecimentos que possuía por não poder tirá-los da desordem em que os bebera à ligeira, sem método, sem sistemas, borboleteando voluvemente de autor em autor mal tendo, às vezes, tempo de compreendê-los e senti-los.

Em compensação, o pendor poético manifestava-se nele alimentado pelas refulgências do estro sempre afinado, e pelas lucilações da inspiração sempre pronta, sempre no estado de máxima tensão."

Por esse depoimento podemos compreender melhor a formação do poeta e sua força inspiradora e sua permeabilidade às influências dos poetas contemporâneos do centro do País. Daí procede a intertextualidade repetida e presente em muitos poemas. É preferível a tese de um Lobo da Costa, poeta inspirado, aedo, autodidata, a de um suposto bacharel... A grandeza do Poeta está aí — sentir e viver o seu povo; sentir e viver a vida social das cidades por onde peregrinou; sentir e viver a vida e a boêmia do seu destino e retratá-la nos versos que nos deixou...

É o poeta andarengo que traduz em seus poemas as vicissitudes de sua vida, os altos e baixos da vida social e os episódios significativos da vida brasileira.

Colaborou em quase todos os jornais e revistas da época das cidades de Jaguarão, Rio Grande, Pelotas, Bagé, Dom Pedrito e Porto Alegre. Em todos os momentos sente e vive o momento de sua vida e da vida da pátria.

A boêmia e sua natural versatilidade o levaram a perambular por todos os escalões da sociedade da Província do Rio Grande até 1888, ano em que no dia 18 de junho morre na Rua de Santa Cruz, hoje Lobo da Costa, em sua cidade natal. Recolhido à Santa Casa, detestava aqueles cuidados, aquela vigilância, queria a liberdade, a liberdade de buscar a própria morte. Aí, hirto pelo frio, deitado no chão da rua está o poeta!... Até na morte foi fiel de viver e sentir com a sua cidade e com o seu povo o frio e os rigores da estação hibernal.

Lobo da Costa, poeta das grandes causas nacionais, viveu, vibrou com a sua gente na guerra do Paraguai, nos anseios da República, na libertação dos escravos, nos prementes problemas que atingiam as grandes cidades daquele tempo. Em todos esses anseios é o poeta romântico por excelência.

Ora pressente e vive a tristeza, o mal do século, que atingira tão fortemente Álvares de Azevedo, ora vibra e exulta como Castro Alves, ora chora e geme de saudade como Casimiro de Abreu, ora proclama e exalta o indígena como Gonçalves Dias...

É o poeta romântico que vibra e ressoa com todas as melodias da lira brasileira.

2 — A ASA DA TRISTEZA

No dizer de Afonso Lopes de Almeida, todo poeta é triste e toda poesia é um gemido. Lobo da Costa, apesar de sua vida social intensa, de sua boêmia incorrigível foi um homem solitário, profundamente triste. Ele mesmo define em verso: "A poesia/ é um gemido de dor, desfeito em harmonia".

O poeta liberta-se da dor e da tristeza para seguir o seu destino:

"Sombas vãs do passado, eu vos adoro!
que me importa esta dor que me atormenta?"

(Auras do sul, p. 13)

Sente-se desamparado, abandonado, vivendo, embora nas rodas sociais que o celebram, que o exploram na força de sua poesia:
É patética a última estrofe do poema "Proscrito no mar":

"Vim ao longe colher palmas:
Só a saudade encontrei!
Essa coroa das almas
Mais pesada que a de um rei.
Proscrito! eis todo o meu nome..."

(Auras do sul, p. 25 e passim)

A tristeza é realmente o seu meio, a sua vivência mais profunda em que ele se sente a si mesmo e retoma os temas de Casimiro de Abreu.

3 – SENTIMENTO DE PÁTRIA

Nostálgico, peregrinando pelas cidades do Rio Grande, indo até São Paulo, o poeta vive e sente a Pátria, o sonho de Independência, celebra o tema da liberdade, tão caro e profundo no coração romântico.

No poema "7 de Setembro" tece loas ao grande feito de Dom Pedro I e dos brasileiros, enaltecendo, ao mesmo tempo, os ideais liberais nos próceres daquela hora; transcrevemos apenas a penúltima estrofe:

"Tente ambalde o despotismo
Os teus brios alquebrar...
Brasil! — cingiu-te o Eterno
De um destino tutelar!
A idéia de liberdade
Que ora implanta a sociedade
Da glória aos rubros festins,
Tem por ti dois combatentes
No passado — Tiradentes
No porvir — Gaspar Martins!"

(Auras do sul, p. 79)

A idéia de liberdade sempre o acompanhou em todos os seus versos, quer louve o Imperador quer o deteste, como poderemos observar na segunda estrofe do poema "Que importa?", recitado no dia 1º de dezembro de 1885 no Teatro 7 de Abril, em sua terra natal:

"E nem sequer uma gota
De sangue calu por terra,
E nem o corvo da guerra
Lambeu o negro fuzil:
E quem mais alto e sublime
Baniu o medonho espetro?
Não a espada, mas o castro
O Imperador do Brasil."

(Auras do sul, p. 106)

Ao mesmo tempo em que elogia o Imperador sente na alma a revolta contra o poder despótico, quer mais liberdade, quer mais participação no governo e nas decisões da Pátria. Exalta a força do povo, em sua luta revolucionária, em seu anseio de liberdade e de colaboração no banquete do poder. Ao lado da reverência que lhe merece Dom Pedro II, procura celebrar o povo, em Flores do campo, no poema escrito em 1888:

"Não odeio e não desminto
A real exceção.
Teve a Europa um Pedro Quinto
Que foi rei e cidadão.
E o Brasil, no seu monarca
Sempre viu um patriarca
Que lhe inspira amor e fé,
Não é ele quem governa,
São os biltres da taberna,
Os lacaios de libré!"

(Flores do campo, p. 65-7)

4 – SENTIMENTO DE POVO

Dentro dessa maneira de ver os acontecimentos e as idéias dominantes na época, sente em si fervilhar o sangue da revolta, sente em si o sentimento de povo, de luta contra a opressão — o poema "O Rei e o operário" coloca as duas posições contrárias em luta. A exaltação é grande, vai quase ao paroxismo num

diálogo veemente e atrevido. As funções de ambos são avaliadas e contrapostas em dísticos, formando cada estrofe. Vamos apreciar algumas mais significativas. O Rei começa, o Operário responde:

"— Eu mando tropas armadas
Sustento povos na mão ...
— Pois eu tempero as espadas
Que fazem revolução!"
.....

Ao encerrar-se o poema, assim fica a última estrofe:

"— Tu és a noite, eu, o dia,
Deslumbram-se os vivos sóis ...
— Tu fundes a tirania,
Eu fundo o pulso aos heróis!"

(Flores do campo, p. 1-92)

No poema "Sem título", em *Auras do sul*, mostra como todos, representantes do povo, têm sua tarefa traçada desde o pobre operário até o sábio, desde o nauta até o escravo. Num outro quadro está:

"O rico, o nobre, que nunca
Teve da glória a emoção,
Dorme... e entre sonhos murmura:
— Que tolos! que tolos são!"

Há outro contraste no meio social daquela época retratado de modo realista com as cores vibrantes de imagens fortes e cheias de vigor. Descreve uma orgia no palácio, onde todos se banqueteam em companhias galantes e lascivas.

É uma espécie de imagem de sociedade da burguesia daqueles dias, o poema sob o nome "Um canto do século" descreve com candentes versos aquelas festas, aqueles esbanjamentos e a pobreza a morrer à míngua junto da porta...

A crueza da imagem está bem viva em todas as estrofes, para termos uma pequena idéia reproduziremos o último sexteto:

"Ao amanhecer, porém, quando as calechas
Roubavam do prazer as flores mortas,
As damas do salão:

Um vulto levantou-se da calçada
e a mão foi estendendo de contínuo,
Chorando a pedir pão!"

(Auras do sul, p. 52-5)

Em "Homens de Roma" o poeta põe novo contraste, entre o povo e o papado naquela época, defendendo seu território contra as tropas de Garibaldi que, depois da queda da Porta Pia, todos foram excomungados por Pio IX... As idéias em voga naquele tempo perpassam nas estrofes do poema com imagens, metáforas e hipérboles dignas de Victor Hugo ou de Castro Alves.

Para termos o sabor do poema apresentaremos a última estrofe da primeira parte em que se vê a luta, e a última estrofe da segunda parte em que aparece a profecia dos novos tempos e das novas idéias para o mundo.

"Trava-se a luta horrenda e fratricida;
A honra, a liberdade, a idéia, a vida,
São banidas por lei!
Perdura uma só causa — o despotismo...
Roubo e morte, — são palmas de civismo
Aos pés do Papa-rei!

.....
Mas, ah!... não tarda no espaço
A aurora da redenção,
Em que se estalem os ferros
Da imortal escravidão...
Então armados os povos,
Rebentos de mundos novos,
C'os ossos de Galileu
Ao mundo dirão: Por terra
A igreja que nos faz guerra:
— Liberdade à luz do céu!

(Auras do sul, p. 31-5)

O poeta vive profundamente o contraste real da sociedade, a miséria e a riqueza; o luxo e a pobreza; o desamparo e a segurança... "O mundo contraditório onde para alguns sobra para outros falta, onde alguns morrem de fome e outros morrem de congestão por demasiado comer..."

O poeta experimentou, em sua curta vida de andarilho, a fartura e a falta de comida e de compreensão... Experimentou as dores da desgraça e os momentos de glória; o infortúnio e o deslum-

bramento dos grandes salões; os aplausos e o desprezo; a recepção de seus versos nos jornais e revistas e o roubo de sua produção... As dores e os sofrimentos foram o rosário de sua existência. Tudo isso ele o levou para o esplendor da arte. Ele procura estabelecer um diálogo entre "o gênio e a arte" de que vamos reproduzir a última estrofe:

"— Entra; meu albergue é pobre,
Mas há fogo na lareira;
Eu durmo sobre esta esteira...
Pode dormir outro mais,
Enxuga, pois, teus vestidos...
Tenho um só pão... mais reparte...
Tu és o gênio, eu — a arte,
Ambos nascemos iguais."

(Auras do sul, p. 15)

5 — O SENTIMENTO DO RIO GRANDE

O solo e a gente rio-grandenses são glorificados pelo poeta, quer nas lendas, quer na fala, quer nas recordações. A voz da terra é forte e repercute pelas canchadas dos campos fora.

É muito conhecido o poema, muitas vezes recitado ainda hoje, "Lá..." com aquele sabor gauchesco e tão nosso, escrito em São Paulo; em 1874. Conta tantas belezas, tantas maravilhas da vida do campo. Vida simples e saudável, onde a pessoa tem sua que- rência mais ampla e mais viva. É aquela paisagem que se apresenta na primeira estrofe:

"Na minha terra, lá... quando
O luar banha o potreiro,
Passa cantando o tropeiro,
Cantando... sempre cantando...
Depois, descobre-se o bando
Do gado que muge adiante,
E um cão ladra bem distante...
Lá... bem distante, na terra!
— Nunca foste à minha terra?"

O sabor gaúcho, tanto na paisagem como nas palavras, leva- nos àqueles ambientes campeiros tão familiares ainda hoje para

nós. Ao término do poema bastante longo, assim conclui na mes- ma cadência:

"Ali verás como incita
o viver da solidão,
Tomando o teu chimarrillo
feito por moça bonita.
Verás vestidos de chita...
Muitas vida em cada rosto...
Mas se duvidas do exposto,
É fácil: vai até ali.
E dirás se eu te menti."

(Auras do sul, p. 60-3)

Lobo da Costa não só viveu a sua terra, não só perambulou pelas cidades do Rio Grande do Sul como também soube amá-lo, querê-lo mais livre e forte.

Em 1885 escreveu um poema que ficou praticamente inédito até 1888: era uma celebração dos cinquenta anos da Revolução Farroupilha. Seria um poema épico, mas o poeta fez um misto de lírico e de épico. Para ele o passado não ficava tão longínquo, tão imune do presente. O perfeito daquele passado da epopéia não combinava com a poética do romântico. Os últimos versos de Lobo da Costa apareceram esparsos em Flores do campo, foram publicados um mês depois de sua morte no Progresso Literário, jornal de Pelotas.

Nesse longo poema observamos os sentimentos mais profun- dos de admiração, de amor e de exaltação pela Revolução Farrou- pilha, pelos pró-homens, pelo povo. Enaltece as figuras de Garibal- di e de Anita.

Nesta hora em que se celebra o sesquicentenário vale a pena ler e estudar esta peça de boa literatura, que celebra os feitos dos Farrapos.

O motivo da luta e da rebeldia está claramente numa estrofe sucinta e objetiva:

"O Rio Grande do Sul virá seus filhos
Deserdados da Mãe que os parilhara,
Sem um eco de voz, sem parlamento,
Pois que tudo o Poder centralizara."

E a luta começara forte e audaz, combatia-se pelos campos e pelas serranias, tudo era colocado para a defesa da honra, da riqueza e da sobrevida do Rio Grande. O poema reserva belas estrofes para cantar a bravura e o destemor dos bravos:

"Ecos alfim o rebete
Pelas longas cordilheiras;
Do peito fazem trincheiras
Os nobres filhos do Sul
É que o insólito governo
Mandava torpes escravos
Cuspir a face dos bravos
À luz do céu azul!"

Tudo vibra com a vitória, com a conquista da liberdade. A idéia da república como bandeira altiva e livre espadaneja pelo azul do céu. O poema celebra num heptassílabo a beleza da conquista:

"Não longe no espaço brilha
A estrela da Liberdade
Derramando claridade;
Nas cercanias do Sul!
A aurora seu carro impele
Pelas escuras devesas
Levando nas rodas, presas
As chamas do céu azul!"

Francisco Lobo da Costa, poeta que viveu curta vida, na segunda metade do século XIX, viveu profunda e entusiasticamente os ideais libertários dos Farrapos. Em seu espírito romântico foi o verdadeiro pregador da liberdade republicana e democrática, peregrinando pelas principais cidades do Rio Grande. Por toda a parte deixou poemas, por toda a parte deixou saudades, por toda parte, ainda hoje, há pessoas que recitam os poemas do grande e inesquecível aedo...